

## ***PRIMEIRA BUCÓLICA, DE VIRGÍLIO: BREVE RESENHA DE UMA NOVA EDIÇÃO***

**Tobias Vilhena de Moraes<sup>1</sup>  
Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo apresentar o método de trabalho utilizado para a tradução para o português de uma nova edição da *Primeira Bucólica*, de Virgílio, parte dos dez poemas pastoris conhecidos como Bucólicas. Para tanto, destacaremos sobretudo às passagens que tratam da paisagem campestre, da exploração do trabalho e do uso das terras no mundo antigo, temas principais desta Bucólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução. Bucólicas. Virgílio.

## ***FIRST BUCOLIC, BY VIRGÍLIO: BRIEF REVIEW OF A NEW EDITION***

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to present the working method adopted for the translation to portuguese of a new edition of Virgilio's First Bucolic, part of the ten ancient pastoral poems known as Bucólicas. Therefore, we will highlight the most important passages of it that deal with the countryside, the exploitation of labor and the use of land in the ancient world, the main themes of this bucolic.

**KEYWORDS:** Translation. Bucolics. Virgil.

---

<sup>1</sup> Museu Lasar Segall/IBRAM. E-mail: tovilhena@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marciomoitinha@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo deste texto, os dois autores apresentarão, de maneira sucinta, algumas reflexões advindas da tradução da *Primeira Bucólica*, de Virgílio, realizada por uma equipe formada por pesquisadores e estudiosos da língua latina: Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ), Historiador Dr. Tobias Vilhena de Moraes (Museu Lasar Segall/IBRAM), Prof. Daniel de Assis Soares (graduando, UERJ) e Dr. Paulo Fernando Moreira Pinheiro (autodidata em língua latina).

O trabalho, foi empreendido durante cerca de 6 meses e contou com a supervisão dos pesquisadores, Prof. Dr. Leonardo Ferreira Kaltner (UFF) e Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho (FFLCH/USP).

O principal objetivo da equipe é traduzir todos os poemas conhecidos como Bucólicas de Virgílio, oferecendo ao público leitor uma edição bilingue deste clássico da literatura latina. No entanto, mais do que oferecer uma nova tradução desta conhecida obra, os autores desejam focar um estudo pormenorizado sobre aspectos linguísticos, literários e estilísticos, que normalmente escapam ao público não familiarizado com os estudos clássicos. Com este intuito desejamos conciliar uma leitura prazerosa do texto, sem perder o rigor da tradução e a busca do conhecimento daqueles, que desejam se aprofundar, no universo virgiliano.

A seguir, focalizaremos uma breve reflexão sobre a relevância da obra para o mundo antigo, assim como exemplos da tradução empreendida.

## 2. AS BUCÓLICAS

Desde a antiguidade, autores clássicos trazem informações sobre as origens das bucólicas, destacando-as como um fenômeno estético literário.

Hoje em dia, os dados mais aceitos as definem como um gênero tardio, proveniente do mundo helenístico, inventado no século III a. C. por Teócrito de Siracusa.

Segundo Sérvio, gramático do século IV d.C., o termo tem origem grega, significando “guardadores de bois”. Para este autor, os bois eram os animais mais empregados, na labuta diária.

O próprio canto destes boiadeiros teria sua origem, em canções, produzidas pelos pastores, em honra de Diana.

Músicas estas que, ao versarem sobre o pastoreio, passaram a ser apresentadas em concursos públicos, na Sicília (CARDOSO, 2013, pág. 61-63).

Se podemos notar nelas a influência de Homero, de Lucrécio e de Hesíodo. É sobretudo, no poeta siracusano Teócrito que Virgílio busca a maior parte da inspiração para criar seus personagens-pastores (CARDOSO, 2013, pág. 61-63).

## **2.1 A OBRA EM SEU CONTEXTO**

Denominadas como uma das ‘obras menores’, de Virgílio, as *Bucólicas* são classificadas dentro dos *genera dicendi*, sendo divididas em 3: *humile, medium, grandiloquum*.

Segundo, esta organização as *Bucólicas* podem ser classificadas como poema *humilis* (menor); por outro lado, outras de suas obras mais conhecidas como a *Eneida* e as *Geórgicas* são denominadas *mediocris* e *grandiloquus*. Elas outrossim são classificadas de éclogas redigidas, em versos hexâmetros datílicos.

Como em outras obras, Virgílio fez uso de sua história para narrar fatos e fenômenos sociais presenciados por ele próprio.

Virgílio nasceu fora de Roma, em Andes, próximo a Mântua, na época parte da Gália Cisalpina.

Na época da escrita das Bucólicas (41 a.C. e 37 a.C.), Virgílio já era conhecido, no mundo das letras, por ter escrito alguns poematos e por fazer parte do círculo literário de Polião, governador da Cisalpina.

Diferentemente de outros importantes poetas da época, que tinham grande contato com o mundo urbano, Virgílio cresceu em estreito contato com a natureza. Ao longo de todo texto, é fácil identificar passagens nas quais vida camponesa e rural ganham *locus*, ainda mais quando descreve as cidadezinhas da região, a vegetação, os animais e a paisagem. (ROBERT, 1995, pág. 159 e 160).

Em diversas passagens, Virgílio deixar claro sua admiração por aquele mundo e por sua natureza. Sua sinceridade na descrição dos pormenores daquela vida campesina, ajudam a dar um tom de veracidade profunda ao que o poeta canta.

Surgem assim, algumas das passagens mais belas da literatura latina. Mesmo os contornos das pequenas colinas pelas quais diversos de seus personagens caminham, ganham uma força ingente e expressiva tal que quase se tornam um personagem a mais na história.

O velho ditado “minha vila, minha pátria”, tão propagado, no mundo contemporâneo, assume um caráter de realidade poética, nas letras do poeta de origem gaulesa.

Em toda a poesia virgiliana, atestam-se cenas campestres. Suas descrições apresentam-nos detalhes da paisagem como colinas, ervas do rio, olmeiros, camponeses passeando, homens pastoreando com suas cabras, jardineiros cantarolando uma canção ...

O amor pela natureza, a beleza dos animais e a busca de uma comunhão entre estes seriam alguns dos principais motes do gênero bucólico, em Virgílio. A nostalgia se torna um elemento constante. O que não é estranho ao período no qual Virgílio viveu, visto que naquela época houve fluxo migratório do campo para cidade, levando um grande número de pessoas a buscarem abrigo, em pequenas casas de aluguel. Lugares estes abarrotados e sem as condições de vida.

Diante deste cenário, não nos deve parecer estranho que os moradores vindos de locais longínquos constantemente trocassem ideias sobre o mundo, que deixaram para trás. A saudade era um tema das conversas. A vida anterior, longe do caos urbano, ocupava o ambiente.

Neste sentido, Virgílio foi o escritor que melhor conseguiu captar aquela atmosfera e exprimir com acuidade o que outros, provavelmente, apenas conseguiam sentir, em seu interior.

Ao longo do tempo, quando viagens ocorriam dos novos romanos às províncias natais ou mesmo no sentido inverso quando romanos buscavam abrigo, no interior, o sentimento de interesse pela vida campesina cresceu. Viagens que podiam, sim, ter como principal finalidade o prazer, como por exemplo, ir assistir aos jogos ou participar de uma festa cívica; por outro lado, alguns tinham objetivos mais fixos, digamos assim, se dirigindo ao interior consolidar sua força, em campanhas políticas e militares.

Partamos assim para uma análise de alguns trechos da obra, que nos permitam aprofundar o que foi apontado, até aqui. Para tanto, utilizaremos a tradução recentemente publicada por nós. (2020, RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha, SOARES, Daniel, MORAES, Tobias Vilhena, pág. 1-24).

### 3. A PRIMEIRA BUCÓLICA E EXEMPLOS DE TRADUÇÃO AD LITTERAM COM COMENTÁRIOS:

A primeira bucólica certamente não foi a primeira, na ordem de composição. Nela, encontram-se dois pastores conversando, Títiro e Melibeu. Melibeu, está prestes a deixar as suas terras, que haviam sido empossadas, mas antes, encontra, no caminho, Títiro e assim Melibeu passa a se queixar sobre o seu destino, sobre as suas tristezas, mas apesar de tudo o que está ocorrendo com ele, não inveja o amigo, mas o admira de modo que Melibeu, é um símbolo do espírito virgiliano, uma boa alma apartada da inveja e de qualquer tipo de maledicência. configuram-se, ao longo de enredo da primeira *Bucólica*, os campos, a natureza e os animais, que compõem o *habitat* dos dois caminhantes. Vejamos alguns exemplos:

#### MELIBOEVVS

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi  
Silvestrem tenui musam meditaris auena;  
Nos patriae finis<sup>3</sup> et dulcia linquimus arua;  
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,  
formosam resonare doces Amaryllida siluas.*

#### MELIBEU<sup>4</sup>

Títiro, tu que estás deitado de costas  
sob a sombra da extensa faixa  
cantas uma cantiga silvestre com um tênue colmo;  
nós deixamos as fronteiras da pátria e os doces campos;  
nós fugimos da pátria; (enquanto) tu, Títiro, lento, na sombra,  
ensinas as selvas a ressoar a formosa Amarílide.

---

<sup>3</sup> Acusativo plural poético *-is*, muito utilizado por Virgílio, ao invés do *-es*, ac. pl da 3ª. declinação;

<sup>4</sup> Toda a tradução é de nossa responsabilidade!

Merece destaque, nesta breve passagem, algo que havíamos mencionado anteriormente e que marca o universo bucólico: a paisagem campestre. Já aqui atestam-se traços deste cenário, como a “faia”, a “sombra”, os “campos” sem contar os pastores e o que eles faziam, no momento do descanso: “deitavam-se sob a sombra das árvores e modulavam cantos rústicos, na flauta”.

Já o uso da sinestesia, quando menciona os “doces campos”, deixa claro que se refere ao campo fértil, o que ajuda a corroborar que o *locus* do pastor é frutífero, fértil, produtivo.

Muitos consideram esta bucólica uma espécie de alegoria da própria vida de Virgílio, isto é, Títilo seria uma espécie de projeção de Virgílio, pois o próprio poeta foi auxiliado pelo Imperador Otávio (o futuro imperador Augusto), quando uma propriedade de sua família, foi furtada. Este tema reaparecerá, na *Bucólica IX*.

Títilo argumenta, no segundo verso, que sua vida é *pacata* (ociosa) porque um protetor de Roma o auxilia e agradece ao “deus” (no caso, Augusto) que permite a ele permanecer, em suas terras.

A alusão política retorna mais à frente, em um dos trechos mais conhecidos de sua obra. Vejamos:

TITYRVS

Libertas, quae sera, tamen respexit inertem,  
candidior postquam tondenti barba cadebat;  
respexit tamen, et longo post tempore venit,  
postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit:  
namque, fatebor enim, dum me Galatea tenebat,  
nec spes libertatis erat, nec cura peculi.  
quamvis multa méis exiret victima saeptis,

pinguis et ingrata epremeretur caseus urbi,  
*non umquam gravis aere domum mihi dextra redibat.*

### TÍTIRO

A liberdade, contudo, que tardiamente olhou-me inerte,  
depois que a barba caía mais branca a mim que a cortava;  
contudo me observou e veio depois de um longo tempo,  
depois que Amarílide nos possui, enquanto Galateia nos deixou.

Com efeito, confessarei isto de fato:  
enquanto Galateia me tinha,  
nem a esperança de liberdade havia, nem o cuidado dos bens.  
Ainda que muitas vítimas saíssem de meus cercados,  
e queijo gordo fosse comprimido à ingrata urbe,  
nunca a mão direita me voltava à casa pesada, de dinheiro.

Embora o pastor Títiro já estivesse livre, o mesmo se encontrava apaixonado pelas pastoras Amarílide e Galateia, com a paixão não consegue perceber a sua liberdade, apenas tardiamente. Logo, a paixão o fizera prisioneiro, deixando-o, no ócio. Fica assim inerte o pastor.

Destacamos também uma crítica política, quando o pastor cita a “ingrata urbe”. Esta crítica surge porque produtos eram, no campo, vendidos por preços muito baixos para os cidadãos da urbe e, logo em seguida, os citadinos os revendiam aos consumidores por preços mais caros. Ingrata para Títiro era esta urbe que desterrava alguns de seus amigos pastores, enquanto os explorava, nos campos.

Por sua vez, nos versos abaixo, podemos atestar que Melibeu nos informa de maneira bem clara e objetiva, o auge dos acontecimentos de sua época, certamente, vivenciados pelo próprio poeta. O pastor se insere, no contexto dos exilados, no qual podemos testemunhar a sua saída da terra



natal. Para tanto, utiliza o verbo na 1ªp. pl, **ibimus**, de forma a contemplar a todos que passavam pela mesma situação. A plasticidade descritiva salta aos olhos de tão patente, nos versos virgilianos. Outras características do estilo de Virgílio podem ser notadas, quando emprega helenismos, como nos vocábulos **Scythian** e o **Oaxen**.

Vejamos os versos selecionados, que corroboram e atestam a nossa afirmação:

MELIBOEVS

*At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,  
pars Scythiam et rapidum Cretae veniemus Oaxen,  
et penitus toto divisos orbe Britannos.*

E nunquam patrios longo post tempore finis,  
pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
post aliquot, meã regna videns, mirabor aristas?  
*Impius haectam culta novalia miles habebit,  
Barbarus hás segetes? En, quo discordia civis  
Produxit miseros! His nos consequimur agros!*

MELIBEU

Mas, nós iremos, deste lugar, uns aos sequiosos africanos,  
uma parte (de nós irá) para a Cítia e  
chegaremos ao rápido Oaxes de Creta  
e aos Bretões, divididos, inteiramente, por todo o orbe.  
Acaso, algum dia, depois de um longo tempo,  
admirarei fronteiras da terra pátria,  
e o teto da minha pobre choupana, coberto pela grama?  
E mais tarde, vendo os meus reinos,  
contemplarei as minhas espigas?  
Um ímpio soldado terá estes campos tão cultivados?  
O Bárbaro terá estas terras semeadas?

Eis para onde a discórdia  
levou míseros cidadãos! Para estes,  
nós semeamos os campos!

#### 4. CONCLUSÃO

A primeira *Bucólica*, de Virgílio, tem sido uma das principais fontes literárias para discussão sobre a economia, sobre o mundo rural e sobre as relações de trabalho, no mundo antigo. Mesmo sendo uma fonte literária, ela não constitui um tratado, ela nos oferece importantes informações sobre o universo político romano.

O trabalho dos tradutores, aqui reunidos, buscou expor de maneira clara e concisa como o estilo de Virgílio conseguiu tratar de temas muitas vezes restritos a tratadistas e historiadores.

Por fim, a potência literária do poeta permitiu que a trajetória bucólica de dois pastores, se configurasse em uma das mais importantes fontes de informação sobre a exploração do trabalho humano e sobre o uso das terras, na antiguidade.

Esperamos que haja mais tradutores, especialistas da língua latina, interessados em resgatar tantos versos ainda intactos ou mal traduzidos do latim clássico e sobretudo do período renascentista.

#### REFERÊNCIAS

BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, s/d.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume I. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile sontemps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- CARTAULT, A. *ÉtudesurlesBucoliques de Virgile*. Paris: 1897.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte:Garnier, 2003.
- FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*.Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- FLORES, Guilherme Gontijo. Que cada um cante seu amor. In: CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa & NETO, João Angelo Oliva (Eds). *Por que calar nossos amores?: Poesia homerótica latina*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. 2ª Edição. Volume I. Tradução de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. 2ª Edição. Volume II. Tradução de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa. O amor dos homens. In: CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa & NETO, João Angelo Oliva (Eds). *Por que calar nossos amores?: Poesia homerótica latina*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.
- LECLERCQ, R. *Les Principes de la PoétiqueVirgillienne*. Revue desÉtudes Latines. Paris: Société d'Édition<< Les BellesLettres>>, 1994.
- LESKY, Albin. *História de la Literatura Griega*.Versión española de JoséMariaDiazRegañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S.A.
- LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essaid'interprétation*. Revuedes Études Latines. Paris: Société d'Édition LesBellesLettres, 1993.
- MAYORAL, LuisPenagos. *Gramática Latina*, 29ª Edição. Santander. Editora Sal Terrae, 1973.
- MAROUZEAU, Jules. *A Ordem das Palavras em Latim*. Tradução de José Mario Botelho. Editora Autografa. Rio de janeiro, 2017.
- MAROUZEAU, Jules. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'ÉditionLesBellesLettres, 1946.

- MARTIN, René & GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodet, 1981.
- MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1ª. edição. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. Vol. 1, 268 p.
- MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.
- RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2a. Ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha Editora, 2017.
- RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha Ribeiro & SOARES, Daniel de Assis & PINHEIRO, Paulo Fernando Moreira & MORAES, Tobias Vilhena. *Edição Bilingue: 1ª. Bucólica de Virgílio*. Rio de Janeiro: Editora Ados, 2020.